

Apresentação

Oralidade, gêneros orais, trabalho e formação docente: dos documentos prescritivos à sala de aula

Orality, Oral Genres, Work, and Teacher Education: From Prescriptive Documents to the Classroom

Letícia Jovelina Storto¹

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel²

Luzia Bueno³

Joaquim Dolz⁴

A oralidade e os gêneros orais no ensino de língua constituem uma temática extremamente importante na formação discente enquanto um/a cidadão/ã e, portanto, precisa estar presente também na formação docente. As/Os formadores precisam de uma maior compreensão das novidades da pesquisa para poder organizar melhor tanto o ensino – a fim de que haja condições de uma aprendizagem efetiva – quanto o desenvolvimento profissional dos professores de língua. Todavia, essa temática ainda não recebe o mesmo tratamento que a escrita, seja no que diz respeito à leitura, seja à produção ou à análise linguística.

Visando a alterar esse quadro, ao menos no nível das pesquisas, temos visto nos últimos anos, iniciativas de pesquisadores de português língua primeira, no Brasil (Bueno & Costa-Hübes, 2015; Costa-Maciel et al., 2020)

1. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Programa de Pós-Graduação em Ensino e Mestrado Profissional em Letras. Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7175-338X>. E-mail: leticiajstorto@gmail.com

2. Universidade de Pernambuco (UPE), Programa de Pós-Graduação em Educação. Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6408-1626>. E-mail: debora.amorim@upe.br

3. Universidade São Francisco (USF), Programa de Pós-Graduação em Educação. Itatiba, São Paulo, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1397-1482>. E-mail: luzia.bueno@usf.edu.br

4. Universidade de Genebra (Unige). Genebra, Suíça. <https://orcid.org/0000-0003-1488-0240>. E-mail: Joaquim.Dolz-Mestre@unige.ch

ou em Portugal (Graça, 2023; Marques, 2022; Sá & Luna, 2016), paralelamente a outras línguas, como o espanhol (Magadán, 2018; Navarro, 2023; Padilla, 2022), de organizarem publicações em que a oralidade e os gêneros orais sejam o foco contribuindo para que se conheça melhor os aspectos que merecem maior reflexão e as possibilidades de se realizar um trabalho de ensino na educação básica e no nível superior. Também observamos a organização de dossiês relativos ao ensino da oralidade e de gêneros orais (Costa-Maciel *et al.*, 2023; Storto, Dolz & Graça, 2023; Dolz, Graça & Magalhães, 2022; Guimarães, Dolz & Lousada, 2021; Dorneles, Kerkhoven & Schulz, 2021; Costa-Maciel, Negreiros & Magalhães, 2020).

Essas iniciativas têm possibilitado importantes avanços nos cenários educacionais: a oralidade e os gêneros orais aparecem tanto nos documentos de prescrição do trabalho docente, como na *Base Nacional Comum Curricular - BNCC* (Brasil, 2018), em currículos de cursos de formação docente, em livros didáticos, quanto em iniciativas de docentes a fim de explorar temáticas necessárias à formação do cidadão, como no caso do racismo.

Esses avanços, no entanto, também geram a necessidade de mais pesquisas e reflexões, uma vez que, diferentemente da escrita, amplamente explorada em diversos aspectos, as situações de comunicação mobilizadas para o ensino da oralidade, os gêneros textuais orais como unidades de ensino e as características da multimodalidade oral que definem cada gênero no ensino da língua ainda suscitam muitas questões para um debate: como tomar em consideração a voz e as capacidades de linguagem dos alunos; quais gêneros propor nos diferentes níveis escolares; como explorar as temáticas aliadas às questões de gênero; em que momentos priorizar e diferenciar a escuta ou a compreensão; que dimensões da oralidade explorar; que características linguísticas ou multimodais precisam ser tratadas; entre outras indagações. Do ponto de vista da formação docente, por outra parte, é importante precisar e desenvolver quais são os saberes profissionais a desenvolver com os professores tanto do ponto de vista estritamente linguístico a ensinar sobre os gêneros e a oralidade como do ponto de vista didático para ensinar (dispositivos de ensino, dispositivos para avaliar as capacidades dos alunos, métodos e gestos profissionais a desenvolver etc.).

Dolz e Gagnon, no seu livro *Former à enseigner la production écrite* (2018), analisam empiricamente a totalidade das práticas da formação escrita na Suíça de fala francesa e identificam cinco categorias de saberes no sistema de formação da produção escrita nas diferentes instituições

observadas que funcionam como uma disciplina de formação. Os cinco saberes são os seguintes: saberes sobre o contexto e as prescrições; saberes linguísticos sobre a disciplina escolar (francês); saberes sobre as capacidades e aprendizagens dos alunos; saberes sobre as experiências profissionais dos discentes. A prioridade observada em todas as sequências de formação se refere às ferramentas de trabalho saídas da engenharia didática. Os objetos tratados em prioridade, os gêneros de texto, contrastam com uma justaposição limitada sobre a gramática e o funcionamento da língua limitada a ortografia e ao léxico.

A presença de práticas profissionais com um retorno reflexivo permite caracterizar o que Silva-Hardmeyer e Abreu-Tardelli (2023) chamam de agir do formador, considerando os seis gestos profissionais, em que o trabalho sobre as ferramentas tem um papel de mediador, e a avaliação das capacidades dos alunos funciona como ponto de partida ou de conclusão que reforça a engenharia didática. O interesse desse trabalho, retomado por algumas das contribuições, é de poder examinar como funciona o vetor do desenvolvimento profissional.

Com o objetivo de contribuir para essas discussões sobre ensino e formação docente, trazendo algumas respostas para as indagações, mas provocando outras questões, propomos esse dossiê que reúne trabalhos de pesquisadores/as com diferentes aportes teóricos e das cinco (5) regiões brasileiras, da Argentina e de Portugal. Nesses dez (10) trabalhos, a oralidade e os gêneros orais são abordados em relação à formação de professores e ao trabalho docente; aos documentos oficiais, como a BNCC e os relativos ao curso de Letras; à avaliação e ao tratamento do oral em licenciaturas e em materiais didáticos; aos gêneros orais e ao racismo.

O conjunto dos artigos nos leva a perceber o papel da oralidade e dos gêneros orais e também nos oportuniza outras reflexões, sob as quais passamos a tratar agora.

No tear das discussões a respeito da oralidade, podemos considerar, dentre outras questões: a) a presença dos gêneros; b) a avaliação desses protótipos; e c) os suportes textuais nos quais esses gêneros circulam.

Essa tessitura põe em diálogo os textos *Ensino de gêneros orais e avaliação da oralidade na formação docente em diferentes licenciaturas*, de Elaine Cristina Forte-Ferreira e Tânia Guedes Magalhães, e o texto *O trabalho com gêneros orais em contexto acadêmico: o que dizem os estudantes*

de Letras de uma universidade federal?, de Joaquim Junior Silva Castro e Dedilene Alves de Jesus Oliveira. Nesses artigos, o coletivo de autores/as põe o foco em dimensões da oralidade e dos gêneros orais em contexto de ensino universitário, observando, especialmente, o papel que ocupa o oral na prática docente e na formação inicial discente, respectivamente.

Nos traços das escritas, há um convite à consolidação da compreensão de que a oralidade e o letramento são práticas sociais, portanto as instituições educacionais, sejam aquelas direcionadas à Educação Básica ou a formação acadêmica, devem tematizar o oral e seus diversos gêneros. O eco vai em direção à luta para que o eixo em questão ocupe sistematicamente espaço na dimensão do ensino, tendo em vista ser ele utilizado, em diversas ocasiões, como instrumento avaliativo, condicionando, por vezes, a aprovação ou reprovação dos/as alunos/as em função do desempenho na sua produção (Castro, 2023). Adverte-se, nesse texto, para o perigo da cobrança sem ensino, gerada por uma expectativa docente de que o/a aluno/a já chegue aos bancos da universidade dominando os gêneros da esfera acadêmica, pouco ou não vivenciado em outros espaços formativos.

Se há certa projeção na discussão sobre gêneros em torno do letramento acadêmico, termo em si que remete a práticas e eventos relacionados à escrita (Lea & Street, 2014), há, por outro lado, a observância da coexistência da oralidade orquestrando os usos que fazemos da língua. Por conseguinte, há o reconhecimento de que existe um universo de práticas e eventos de oralidade que atuam nos usos cotidianos da língua. A oralidade, portanto, não é uma prática paralela, arbitrária ou secundária; se comparada à escrita, ela é, em termos cronológicos, a primeira e, em termos de utilização, tão relevante quanto a escrita nas diferentes culturas em que essa última está presente.

É clara, portanto, a responsabilidade social que as instituições têm, na figura de seus/suas docentes-formadores/as, de assumirem o oral não apenas como ponto de presença no currículo, mas como eixo garantido na formação dos futuros/as profissionais da docência (Luna, 2016, 2017; Mattos, 2019; Castro, 2023; Silva & Magalhães, 2023). Portanto, a palavra que rege é a defesa da sistematização e da didatização nos cursos de graduação. Nessa direção, Elaine Cristina Forte-Ferreira e Tânia Guedes Magalhães sondam, com a aplicação de um questionário, as práticas com gêneros orais e os critérios de avaliação da oralidade adotados por docentes de oito licenciaturas de duas universidades públicas brasileiras. O olhar das autoras está alimentado pela compreensão da oralidade como prática social e multimodal e da avaliação da oralidade em seus elementos linguísticos e não linguísticos.

Joaquim Junior Silva Castro e Dedilene Alves de Jesus Oliveira, por sua vez, escutam, a partir de uma entrevista semiestruturada, alunos/as do curso de letras de uma universidade pública brasileira, com a defesa de que os/as graduandos/as, para estarem incluídos no ambiente acadêmico precisam refletir sobre os gêneros que circulam nas práticas orais e escritas. Esse cenário aponta, portanto, para o desenvolvimento de produções orais e escritas “que tornem esses/essas estudantes críticos e conscientes sobre as práticas de linguagem que são desenvolvidas nesses lugares” (Castro, 2023, p. 47).

Os focos desses artigos reforçam um panorama informativo e reflexivo entre dois cenários complementares. Se por um lado, temos os/as docentes solicitando aos/as graduandos/as trabalhos a serem produzidos e realizados na modalidade oral, a mirada de suas avaliações é guiada por apenas uma faceta do gênero, o conteúdo temático. Essa cobrança pode estar atrelada ao único domínio esperado pelo coletivo docente integrantes da pesquisa, a saber, o domínio do conhecimento vinculado ao assunto posto para guiar a produção oral. Por outro, os/as licenciados revelam poucas vivências com os gêneros acadêmicos orais, circunscrevendo aqueles que parecem mais habituais ao universo supracitado, o seminário e a apresentação de pôster. Esse repertório pouco diverso parece desconsiderar que os gêneros da esfera acadêmica demandam novas formas de produção e de conhecimento, uma vez que insere os sujeitos em diferentes práticas, as quais devem ser propiciadas pelos/as professores/as-formadores/as e que, por sua vez, contribuam para esse encaminhamento ao contexto da academia.

Além de realçar o papel do/a docente-formador/a e das contribuições do ensino da oralidade e dos gêneros orais para a ampliação da capacidade de linguagem discente, devemos pôr em relevo os documentos que ocupam a sala de aula, tais como os livros didáticos e os materiais didáticos. Dimensões desse olhar são trazidos nos textos *Análise do trabalho feito pelo livro e material didático de português para o desenvolvimento dos letramentos científico e histórico-geográfico no eixo de ensino “oralidade”*, de Rubiana Oliveira Rezende, Sebastião Carlúcio Alves Filho e Silvio Ribeiro da Silva, bem como no artigo *O oral no livro didático de língua portuguesa: uma análise das dimensões constitutivas do gênero palestra*, de Marina de Fátima Ferreira Nascimento e Milena Moretto.

Costurados pela compreensão de que o livro didático tem um papel formador na vida prática do/a profissional da educação, ambos os textos se debruçam sobre as propostas didáticas apresentadas por obras direcionadas

a discentes da educação básica, entendendo que, além de os livros serem colocados como uma fonte de recursos e materiais para o planejamento e execução das aulas, eles podem influenciar a forma como os/as docentes abordam os conteúdos, organizam e desenvolvem suas práticas pedagógicas. Nessa direção, editoras e autores/as têm a responsabilidade de tecer um diálogo entre o saber teórico e o saber da prática, com vistas a, além de cumprir o que orientam os documentos oficiais em relação à presença e ao papel da oralidade e dos gêneros orais para a formação cidadão, garantir o direito do/a aluno/a a uma formação comprometida com os saberes que oral pode possibilitar a vida em sociedade.

A BNCC (Brasil, 2018), por exemplo, é um desses documentos que atribuem a oralidade um papel prioritário na formação dos/as alunos/as, e apregoa que a presença do referido eixo deve estar presente de forma transversal em todas as disciplinas e etapas da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A presença de gêneros orais na BNCC é temática do texto *Os gêneros orais na BNCC e sua progressão nos anos iniciais do ensino fundamental*, de Luzia Bueno, Gabriel Aparecido Bragiatto e Camila Regina Oliveira. No artigo, as autoras e o autor realizam o levantamento dos gêneros orais indicados na Base para o ensino de língua portuguesa e analisam a sequenciação desses gêneros nos anos iniciais do ensino fundamental, verificando se há progressão no nível de complexidade. Para tratar de progressão curricular, as pesquisadoras e o pesquisador retomam estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly. Como resultados, elas e ele observaram que há certa progressão dos gêneros da oralidade no referido documento, mas não de forma explícita, recaindo à/ao docente desvelar a sequenciação entre os gêneros.

Em se tratando de progressão dos gêneros, é necessário que esteja presente nos documentos que adentram o espaço escolar, dentre eles, o livro didático, documento mencionado por nós neste texto. Essa compreensão é defendida nos artigos de *Rubiana Oliveira Rezende, Sebastião Carlúcio Alves Filho, Silvio Ribeiro da Silva, Marina de Fátima Ferreira Nascimento, Milena Moretto, Luzia Bueno, Gabriel Aparecido Bragiatto e Camila Regina Oliveira*. Esses/as pesquisadores/as destacam uma questão essencial para a consolidação de trabalho sistemático da oralidade e dos gêneros orais, que é a qualidade das propostas, as suas ocorrências nas obras e uma progressão curricular nos níveis de complexidade desses gêneros. Por isso, acreditam, de modo geral, em duas frentes de ação: a) a criação de maiores exigências nos editais do Programa Nacional do Livro e Material do Didático (PNLD),

de modo a, cada vez mais, exigir das coleções e dos materiais didáticos comprometimento com a didatização do oral, bem como a qualidade da formação docente, de modo que ele/a possa intervir didaticamente nas possíveis lacunas em relação ao eixo.

Todavia, felizmente, há iniciativas discutidas em outros artigos deste dossiê que buscam a) investir em diversificar as atividades com o oral e b) ouvir os/as docentes para saber como eles/as compreendem o oral, questões fundamentais para que se possa rever os rumos da formação inicial e continuada. É o caso de *La enseñanza de la oralidad en prácticas de lectura en voz alta en clases de Lengua y Literatura de nivel secundario*, de Paula Navarro, e de *A oralidade em perspectiva dialógica: uma análise da tessitura da contrapalavra discente no gênero discursivo notícia radiofônica escolar*, de Michelly Dayane Soares Nogueira e Márcia Cristina Greco Ohuschi.

Fundamentada em pesquisas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), Navarro trata do ensino de gêneros textuais orais em Rosario, Argentina, analisando atividades de leitura em voz alta em três turmas de ensino secundário, composto do ciclo básico (primeiro e segundo ano) e ciclo orientado (terceiro, quarto e quinto ano). Para isso, a autora também considera as correntes ergonômicas contemporâneas, segundo a qual o trabalho humano é organizado em três dimensões: trabalho real, trabalho representado e trabalho prescrito. Assim, no texto, Navarro levanta a prescrição sobre ensino de gêneros orais em documentos de educação nacionais e municipais. Em seguida, por meio de análise de conteúdo, examina entrevistas dirigidas e transcrições de aulas gravadas.

Os dados da pesquisa apontam que “a prática de leitura em voz alta traz para o espaço da sala de aula gêneros literários que são lidos em público e conformam uma peculiar confraria de estudantes-leitores-ouvintes” (tradução livre). Por conseguinte, a autora conclui que as atividades de leitura em voz alta são importantes para o ensino de língua materna, haja vista possibilitarem a interconexão entre gêneros orais e escritos, além de contribuir para uma aprendizagem da escuta compreensiva, eixo de ensino de língua pouco explorado em contexto argentino.

O trabalho com a escuta compreensiva é também um dos menos explorados em salas de aula brasileiras, no que tange ao ensino do vernáculo, conforme já apontado em Bueno *et al.* (2023). Ao analisar documentos estaduais da educação no Brasil, um documento para cada uma das cinco regiões do país, as autoras observaram “o fato de haver em todos os currícu-

los muito mais habilidades relativas à produção textual que à escuta” (Bueno *et al.*, 2023, p. 146). Assim, a presença de atividades de leitura em voz alta sistematizadas, buscando a escuta compreensiva, podem ser consideradas como uma ação possível, necessária e desejável nas salas de aula brasileiras para o processo de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa.

Buscando levantar questões acerca disso, Michelly Dayane Soares Nogueira e Márcia Cristina Greco Ohuschi, fundamentadas na Análise Dialógica do Discurso (ADD), ou seja, em Bakhtin e o Círculo, discutem as questões axiológicas da linguagem, mais especialmente a entonação valorativa no gênero discursivo notícia radiofônica escolar, isso a partir do trabalho com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, de uma instituição de ensino de Belém, Pará. Para isso, as pesquisadoras elaboraram e implementaram uma sequência de atividades, que culminou com a produção de notícias radiofônicas. Por meio do trabalho realizado, as autoras possibilitaram que as/os alunos realizassem atividades de produção e compreensão da oralidade e refletissem a respeito de questões relevantes, como o racismo.

A entonação valorativa está entre os aspectos axiológicos da linguagem, assim como os elementos extraverbais. Esses, por sua vez, são tópico de pesquisa do artigo *Dimensão cinésica do oral em narrativa cinematográfica: o potencial desse aspecto na construção do perfil da figura da madrasta*, de Cristiane Severina da Paixão, Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel e Letícia Jovelina Storto. Nele, as pesquisadoras exploram uma atividade sobre a multimodalidade no tratamento do oral a partir da análise da figura da madrasta no filme Cinderela. Para isso, retomam os resultados de uma análise realizada por discentes do Ensino Médio a partir da realização de uma oficina pedagógica. Em suas discussões, as autoras colocam em diálogo Schneuwly e Dolz, Marcuschi, Leal, Araújo e outros/as.

Assumindo a perspectiva de Marcuschi (2010, p. 25) para definir a oralidade, as autoras a entendem “como uma prática social interativa e essencial no processo de comunicação para fins comunicativos” que pode manifestar-se “sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora” (Marcuschi, 2010, p. 25). Partindo disso, elas trazem uma narrativa filmica e exploram a construção de personagens na articulação entre o verbal e o não verbal. E eis aqui o primeiro ponto a ressaltar desta contribuição: as autoras trazem um filme como recurso que ajuda a ver a língua em funcionamento. Dessa forma, ainda que não seja o objetivo primeiro do texto, levam-nos a refletir sobre como podemos promover o oral em sala de aula

de modo que, assim como fazemos com os textos escritos, os/as alunos/as possam deparar-se com textos concretos e singulares, em que os/as locutores/as, mesmo que ficcionalizando, mobilizam corpo e voz para construir um enunciado com sentido. Uma das dificuldades no trabalho com o oral em sala de aula está justamente na falta de bons e adequados exemplares acessíveis dos vários gêneros orais que possam ser observados várias vezes, sem que o/a professor/a precise gravá-los ou editá-los. O recurso do filme pode atenuar essa dificuldade e, por isso, merece ser mais focado em pesquisas sobre o oral.

Outro ponto de destaque, nesse artigo, é a questão do corpo. Segundo Gagnon e Dolz (2016), a voz e o corpo constituem as dimensões principais da expressão oral, uma vez que a comunicação oral pode ser definida como multimodal ou plural no nível dos códigos que mobiliza como os aspectos visuais e cinésicos. Assim, não bastam as palavras para construir o sentido no oral, é preciso ir além, para chegar a uma interação bem-sucedida. Logo, no ensino, também é necessário explorar essas dimensões.

Na oficina ofertada aos alunos e analisada neste artigo, os discentes puderam explorar essas dimensões, percebendo que a comunicação não verbal se manifesta a partir de expressões faciais, olhares, postura corporal, mas também de silêncios (Cunha, 2005, 2001). Essa análise possibilitou aos alunos não só olharem de outra forma para os filmes, mas também lhes ajudou a construir ferramentas para indagarem o funcionamento do corpo e da voz em outros textos, formando assim locutores e ouvintes mais críticos.

Ademais, ao buscarem interpretar os gestos, os discentes foram também estimulados/as a refletir sobre as relações entre voz, corpo e cultura, na medida em que cada sociedade vai criando os seus modos de agir para cada elemento: a vítima, a mocinha, o vilão, a madrasta etc. Todavia, a análise também permite que discentes, se bem orientados/as, possam questionar tais criações, desconstruindo o que poderia já parecer “natural” e abrindo-se a construção de novos discursos.

Para um trabalho com essas ferramentas, como o filme, e com essa potencialidade, é necessário pensar na formação de professores/as. Nos últimos anos, temos assistido a várias iniciativas que buscam levar os/as docentes a um domínio maior da oralidade, dos gêneros orais e de práticas de didática do oral, muito provavelmente porque os documentos de prescrição têm recomendado que essa temática se constitua como um dos conteúdos a serem

trabalhados na educação básica. Todavia, indagamos: será que essa mudança de cenário dos últimos anos pode afetar o trabalho efetivo dos docentes?

Dois artigos deste dossiê nos ajudam a discutir essa questão: *Ensino da oralidade na Educação de Jovens, Adultos e Idosos: reflexões sobre o olhar docente acerca de práticas com gêneros orais*, do Brasil, e *O ensino da oralidade no Ensino Básico: representações e práticas de ensino do oral, em declarações docentes*, de Portugal.

O artigo *Ensino da oralidade na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI): reflexões sobre o olhar docente acerca de práticas com gêneros orais* de Fabrini Katrine da Silva Bilro, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo Barbosa centra-se em trazer o olhar sobre o tratamento do oral nas práticas de ensino de duas professoras de Língua Portuguesa dos anos finais da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. A pesquisa, cujos resultados são apresentados, foi desenvolvida a partir de estudos de Bronckart, Marcuschi, Schneuwly e Dolz, Costa-Maciel, Magalhães e Cristovão, Freire etc., e os dados foram gerados em entrevistas semiestruturadas com docentes.

O contexto da EJAI exige um trabalho diferenciado, já que atende jovens, adultos e idosos e, assim, a formação para a cidadania deve guiar todo o agir docente, o qual precisa desenvolver práticas de ensino que tenham relação com as vivências desses discentes, para que seja visto como significativo para eles. Nesse sentido, o ensino de línguas assume um papel muito relevante nessa formação ao poder levar esses estudantes a saberem agir na sociedade, exercendo e demandando por seus direitos em diferentes situações.

A fim de garantir essa formação diferenciada, as professoras entrevistadas investem em práticas com gêneros orais que fazem parte do cotidiano extra e intramuros escolares desses alunos/as tais como roda de poesia, roda de hip hop, entrevista de emprego e contação de causos, mas também o debate, o seminário, a apresentação oral de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) das turmas. Com esse trabalho, as professoras têm conseguido valorizar os saberes e as experiências de vida desses discentes, além de ampliarem os recursos que eles/as podem utilizar para agir por meio da linguagem, engajando-se como cidadãos críticos e transformadores, como propõe Freire (1981, 1989).

O artigo *O ensino da oralidade no Ensino Básico: representações e práticas de ensino do oral, em declarações docentes* de Luciana Almeida

Graça foca nas representações e nas práticas de ensino do oral, de acordo com declarações de professores/as do 1.º ciclo do Ensino Básico, que atuam em instituições portuguesas, públicas e privadas. Para a geração de dados, foi aplicado um questionário a 51 docentes, cujas respostas são exploradas qualiquantitativamente e interpretadas a partir de autores do quadro teórico-metodológico do ISD.

As respostas indicam que os docentes reconhecem a importância do oral no ensino, procuram trabalhar com ele em sala de aula, mas não receberam uma formação adequada para realizar esse ensino. Essas respostas são semelhantes às do Brasil no tocante a esse reconhecimento e à inclusão de práticas do oral no trabalho docente, o que parece mostrar que as mudanças nas prescrições têm conseguido gerar um efeito na prática da sala de aula.

Desse modo, notam-se avanços em relação a estudos anteriores que mostravam que o oral era preterido em relação à escrita, contudo ainda há o que avançar, já que, apesar das pesquisas e publicações sobre o oral, ainda não há uma formação inicial que invista em uma preparação para o trabalho com o oral. Sem dúvida, a mudança nas prescrições é muito relevante, mas é necessário promover alterações também na formação de professores, sobretudo a inicial, pois atinge a todos os docentes e, certamente, tem condições de gerar um impacto muito maior.

Concluir este dossiê sobre o ensino da oralidade, a textualidade oral de cada gênero, permite-nos refletir a respeito da relevância do trabalho com a oralidade no ensino em todos os âmbitos que esse processo envolve, ou seja, em materiais didáticos, em atividades de escuta e de produção, na formação docente etc. Ao explorar diferentes abordagens e metodologias vinculadas à oralidade e seu ensino, os textos salientam a necessidade de integração da oralidade ao currículo de maneira sistemática, preparando as/os estudantes para que se expressem oralmente com confiança e clareza e escutem conscientemente nas múltiplas situações sociodiscursivas de fala e escuta. O dossiê permitirá, sobretudo, clarificar os saberes necessários para o desenvolvimento profissional dos docentes.

Esperamos que os artigos inspirem professores e formadores a inserirem atividades de oralidade em suas aulas, de maneira consistente, planejada, constante e com gradação da complexidade, como defendido por Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) e Storto e Brait (2021), encorajando-os a criar ambientes de aprendizado que promovam a expressão oral como um componente vital para a formação de cidadãos/cidadãs críticas/críticas, participativas/

participativos e conscientes de seu papel no mundo. Assim, encerramos este trabalho com a convicção de que o ensino da oralidade é essencial para o desenvolvimento pleno dos indivíduos e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Conflito de interesses

Os autores declaram não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo, e assumem responsabilidade total pelo conteúdo dessa apresentação.

Contribuição dos autores

Nós, Letícia Jovelina Storto, Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel, Luzia Bueno e Joaquim Dolz, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Todos os autores contribuíram igualmente para a composição de todo o texto de Apresentação deste Dossiê.

Disponibilidade de dados

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível publicamente.

Referências

- Brasil, Ministério da Educação (2018). *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, MEC.
- Bueno, L., & Costa-Hübes, T. (2015). *Gêneros orais no ensino*. Campinas: Mercado de Letras.
- Bueno, L., Costa-Maciel, D. A. G. da, Magalhães, T. G., & Storto, L. J. (2023). Dimensões da oralidade em documentos oficiais da Educação no Brasil. *Palavras*. Lisboa, Portugal, APP, Palavras, n.60-61, pp. 129-152. <https://palavras.appform.pt/ojs/index.php/Palavras/article/view/174>
- Carvalho, R. S. de, & Ferrarezi Jr., C. (2018). *Oralidade na educação básica*. (1ª ed.). Parábola.
- Castro, J. Jr. da S. (2023). *Práticas de oralidade acadêmicas e profissionais na formação e no trabalho do professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II e Médio*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora.

- Costa-Maciel, D. A. G. da (2014). *Oralidade e ensino: saberes necessários à prática docente*. EDUPE.
- Costa-Maciel, D. A. G. da, Storto, L. J., Magalhães, T. G., & Bueno, L. (2023). Gêneros orais no/do trabalho docente e nas práticas educativas. *Revista Entreletras*, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína-TO, v. 14, n. 1. <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/issue/view/693>.
- Costa-Maciel, D. A. G., Negreiros, G., & Magalhães, T. G. (2020). Oralidade e ensino: discussões teórico-metodológicas. *Revista Letras*, volume especial. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, n. 1, pp. 9-14. <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/1525>.
- Cunha, T. C. (2005). *Silêncio e comunicação: ensaio sobre uma retórica do não-dito*. Livros Horizonte.
- Cunha, T. C. (2001). *O silêncio na comunicação*. <https://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-tito-cardoso-silencio.pdf>.
- Dolz, J., Graça, L., & Magalhães, T. G. (2022). O lugar da oralidade em sala de aula: práticas de ensino escola à universidade. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora-MG, v. 26 n. 1. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/issue/view/1629>.
- Dolz, J., & Gagnon, R. (2018). *Former à enseigner la production écrite*. Villeneuve-d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion. ISBN: 978-2-7574-2371-4. <https://doi.org/10.4000/reperes.1886>
- Dolz, J., Storto, L. J., & Graça, L. de A. (2023). Oralidade e Ensino. *Signum: Estudos Da Linguagem*, UEL, Londrina-PR, 26(1). <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/issue/view/1892>. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2023v26n1p7>.
- Dorneles, F., Kerkhoven, R., & Schulz, R. (2021). Dossiê: o trabalho com a oralidade na sala de aula. *Trama*, UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon-PR, 17(42). <https://doi.org/10.48075/rt.v17i42.29227>.
- Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. (5ª ed.). Paz e Terra.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Autores Associados: Cortez.
- Gagnon, R., & Dolz, J. (2016). Corps et voix: quel travail dans la classe de français du premier cycle du secondaire?. *Le français aujourd'hui*, 195(4), 63-76.
- Graça, L. (2023). O ensino da oralidade em sala de aula: o que dizem os professores da educação pré-escolar e do ensino básico, em Portugal. *Palavras - Revista da Associação de Professores de Português*, 60/61, 15-32. <https://doi.org/10.61248/palavras.vi60-61.159>
- Guimarães, A. M de M, Dolz, J., & Lousada, E. G. (2022). Gêneros textuais orais e práticas investigativas: confluências teóricas e didáticas. *Revista Da ABRALIN*, 20(3), pp.1448–1452. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.2051>.

- Lea, M., & Street, B. (2014). O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, 16(2), 477-493.
- Leal, T. F. (2022). Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, 26 (1), p. 26-51.
- Luna, E. Á. dos A. (2017). Desafios de docentes universitários brasileiros sobre didática da oralidade na formação do professor de Português. *Revista Indagatio Didactica*, 9(4), 81-96. <https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/721>.
- Luna, E. Á. dos A. (2016). *Didática da oralidade na formação inicial do professor de português: um olhar sobre documentos curriculares e discursos docentes e discente de instituições de ensino superior* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Campina Grande, PB, Campina Grande.
- Magalhães, T., & Cristovão, V. L. (2018). *Oralidade e ensino de língua portuguesa*. Pontes Editores.
- Magadán, C. (2018). Dichos y hechos: apuntes sobre la enseñanza de la oralidad. In Bein R. et al. (eds.) *Homenaje a Elvira Arnoux: estudios de análisis del discurso, glotopolítica y pedagogía de la lectura y la escritura* (p. 309-204). Tomo III: Lectura y escritura. Buenos Aires, Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires. http://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/Homenaje%20a%20Elvira%20Arnoux%20Tomo%20III_interactivo_0.pdf
- Marcuschi, L. A. (2010). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (10ª ed.). Cortez.
- Marques, C. (2022). Expressão oral: entre a avaliação holística e a avaliação analítica. *Palavras - Revista da Associação de Professores de Português*, 58/59, 43-53.
- Mattos, P. S. (2019). *Oralidade e formação de professores: o desenvolvimento de capacidades docentes na formação inicial de Letras da UFJF* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Navarro, P. (2023). Editorial volumen 9 Oralidad-es. *Revista Oralidad-Es*, 9, pp. 1-4. <https://revistaoralidad-es.com/index.php/ro-es/article/view/199>
- Padilla, C. (2022). La place de l’oral dans l’éducation argentine, entre matrices enracinées et défis à relever. *Revue internationale d’éducation de Sèvres*, 86, avril 2021, mis en ligne le 01 avril 2022, consulté le 08 septembre 2024. <http://journals.openedition.org/ries/10434>; <https://doi.org/10.4000/ries.10434>
- Sá, C. & Luna, E. (2016). *Transversalidade V: desenvolvimento da oralidade*. Aveiro, UA Editora. <http://hdl.handle.net/10773/16090>
- Silva, A. A. da, & Magalhães, T. G. (2023). Gêneros orais em contexto acadêmico: práticas comuns em disciplinas da graduação. In A. Valencia,

- & F. Sartin (Eds.). *Estudos decoloniais e multiletramentos: diálogos em evidência na sociedade contemporânea* (p. 223-256). Mercado de Letras.
- Silva-Hardmeyer, C., & Abreu-Tardelli, L. (2023). O gesto didático de planejamento como objeto da formação docente. In Graça, L., Gonçalves, M., Bueno, L., & Lousada, E. *Didática das Línguas: estudos de homenagem ao professor doutor Joaquim Dolz* (p. 315-333). Parábola.
- Storto, L. J., & Brait, B. (2021). Oralidade na educação básica: trabalhando com o gênero Receita culinária. In I. C. F. dos S. Rodrigues, & M. C. G. Ohuschi (Eds.). *As interfaces possíveis no processo de ensino e aprendizagem de línguas e culturas* (p. 45-74). Pontes Editores.

Recebido em: 10.08.2024

Aprovado em: 10.09.2024